

Revista Iberoamericana de Turismo



FRONTEIRAS E DIÁLOGOS DISCIPLINARES: POSSÍVEIS COMUNICAÇÕES E TROCAS ENTRE OS CAMPOS DE CONHECIMENTO DA ANTROPOLOGIA E DO TURISMO¹

Luiz Antonio de Oliveira

Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Professor da
Universidade Federal do Piauí, Brasil.

E-mail: luizantov@yahoo.com.br

Resumo

As ideias de circulação, trânsito e mobilidade podem servir de ponto de partida para se refletir a respeito das trocas e diálogos disciplinares. Assim, pensando nas relações entre os campos de conhecimento da antropologia e do turismo no universo acadêmico, propõe-se, a partir das sugestões de Pierre Bourdieu sobre as “condições sociais de circulação internacional das ideias”, chamar a atenção para o papel das “estruturas de recepção” na construção de fronteiras entre as disciplinas e no estabelecimento de diálogos entre elas. Da descoberta do turismo como objeto antropológico aos aportes teóricos e metodológicos da perspectiva etnográfica para os estudos e pesquisas sobre o fenômeno turístico, os empréstimos e trocas mútuas ajudam a compreender como se dá o processo de construção dos discursos de antropólogos e de turismólogos ao se aproximarem ou se distanciarem em torno de objetos de estudo ou áreas de atuação profissional. Nesta relação, os processos sociais de “apropriação dos discursos” e de construção de suas “vontades de verdade”, em termos foucaultianos, apontam para estratégias de legitimação de discursos e de constituição de relações de poder no campo acadêmico. Não obstante as especificidades dos discursos disciplinares, o estreitamento dos diálogos entre eles parece também apontar para vocabulários e perspectivas políticas tornadas comuns diante de uma nova ordem discursiva internacional.

Palavras chave: Antropologia e turismo. Ordem discursiva. Fronteiras, circulações e trocas disciplinares. Importação e exportação intelectuais. Estruturas de recepção.

1 INTRODUÇÃO

Questões como a dos trânsitos, circulações e mobilidades – caracterizando o que já se denominou compressão espaço-tempo de um mundo cada vez mais globalizado – têm chamado a atenção de antropólogos e de turismólogos em áreas de atuação e objetos de estudo fronteiriços. Não é novidade, assim, que ambos possuem interesses teóricos e práticos nos circuitos e conexões mundiais que fazem circular ideias, coisas, pessoas, coletividades e culturas. No caso dos antropólogos, as implicações teóricas, metodológicas e políticas de tais deslocamentos – incluindo os do próprio pesquisador – têm servido de

¹ Este texto foi desenvolvido a partir de duas comunicações, uma apresentada na mesa redonda “Antropologia e Turismo: diálogos e fronteiras disciplinares” durante o I Simpósio de Turismo Delta do Parnaíba: patrimônio cultural, território, saberes e paisagem no mundo contemporâneo, realizado em setembro de 2010 no campus Ministro Reis Veloso da Universidade Federal do Piauí, e a outra no Fórum “Antropologia e Turismo: diálogos e fronteiras”, como parte da programação da IV Reunião Equatorial de Antropologia / XIII Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste realizada na cidade de Fortaleza entre os dias 4 e 7 de agosto de 2013. Agradeço aos comentários dos colegas, em especial à professora Isabela Moraes da Universidade Federal de Pernambuco pelo incentivo.

mote para recorrentes discussões que constroem e atualizam a tradição reflexiva de sua disciplina, levando-os também, de diferentes modos e mesmo a partir de latitudes diversas, a considerarem a interface de seus temas ou objetos de estudo com o fenômeno turístico (AUGÉ, 2010; CLIFFORD, 1999; 2000). Já no campo dos estudos clássicos de turismo, questões de poder e de desigualdade inerentes a tais deslocamentos ficaram obscurecidas em face de uma visão econômica que celebrava os benefícios do *trade* turístico, sobretudo quando se tratava de pensar, em um circuito global, estratégias de salvamento para as economias de países do terceiro mundo ou pouco industrializados. Com o estreitamento do diálogo com as ciências sociais, no entanto, desigualdades estruturais nas relações entre visitantes e visitados passaram também a ser investigadas, desveladas e denunciadas em vertentes mais sociológicas e etnográficas dos estudos sobre o turismo (BARRETO, 2004; NASH, 1989, COHEN, 1984). Estes exemplos, dentre outros, evidenciam como empréstimos, trocas e transformações mútuas podem informar as relações entre campos disciplinares.

Assim, partindo das ideias de circulações e trocas pretende-se aqui considerar certos diálogos possíveis entre as áreas de conhecimento da antropologia e do turismo. Mas, para falar de tais diálogos é importante se considerar antes tanto o processo de construção de fronteiras disciplinares, quanto as “condições sociais de circulação” de suas ideias. Mesmo nas reflexões que reivindicam uma natureza trans, pós ou multidisciplinar para o campo de estudos e pesquisas sobre o turismo o que nelas são postas em primeiro plano são as circulações e trocas de ideias, conceitos e perspectivas metodológicas observadas em diálogos realizados entre conhecimentos disciplinares do/no universo acadêmico. Tal interesse nas circulações e trocas para se pensar a existência ou não de fronteiras entre áreas de conhecimento suscita, de forma complementar, a reflexão a respeito de como saberes e métodos que circulam são recebidos nos campos disciplinares em diálogo. Sendo assim, para falar de comunicações e trocas possíveis entre a antropologia e o turismo parece adequado recorrer ao que Pierre Bourdieu (2002) denomina “teoria das recepções”.

Nesta, além das condições de mobilidade, interessa prestar atenção também nas “estruturas dos campos de recepção”. Afinal, são em tais estruturas que se darão os processos de tradução, reinterpretação ou mesmo reinvenção de saberes e métodos em contextos de produção de conhecimento diferentes dos de sua origem. Em outras palavras, deve-se atentar para os lugares sociais ou institucionais onde os discursos são produzidos, enunciados, recebidos, interpretados e reinventados. Não custa lembrar que em lugares como estes, conforme advertiram Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997) desde a década de 1980, ocorrem as “invenções de tradições” a informar imaginários coletivos de pertencimento. Pretende-se, desse modo, aqui também chamar a atenção para certos processos discursivos constituidores das “comunidades imaginadas” de antropólogos e de turismólogos vigentes no mundo acadêmico.

Vistas a partir desse ângulo, as trocas e os empréstimos – noutras palavras as circulações ou os trânsitos – de objetos de estudo, áreas de interesse, categorias analíticas, conceitos, noções, teorias e métodos podem ajudar a pensar, dentre outras coisas, como se dão os processos sociais de tradução, de importação e exportação intelectuais. Pode servir ainda para entender por que as relações entre campos disciplinares, muitas vezes, alimentam preconceitos, constroem estereótipos, baseados, sobremaneira, em desconhecimentos a cerca das “condições sociais de produção”, em seus contextos originários, do saber ou dos conceitos, das teorias e das perspectivas metodológicas que circulam. Mas, o que parece mesmo estar em jogo nestas circulações ou trânsitos de ideias são, em termos foucaultianos, os “processos sociais de apropriação dos discursos” e suas

“vontades de verdade” em relações definidoras de legitimidades, prestígio e poder acadêmico.

2 FRONTEIRAS, REFLEXIVIDADE E PODER NA CIRCULAÇÃO INTERDISCIPLINAR DAS IDEIAS

Acompanhando os trânsitos internacionais de bens e símbolos no mercado mundial, a circulação das ideias antropológicas tem ajudado tanto a atualizar a tradição reflexiva da disciplina quanto a favorecer diálogos com outras áreas de conhecimento. Nos circuitos e conexões estabelecidos por tais circulações (de ideias, coisas, pessoas, coletividades, culturas) os diferentes usos ou traduções locais – e disciplinares – do discurso dos antropólogos têm resultado, geralmente, em “invenções de novas tradições”. Nesta direção, é importante destacar ainda que categorias ou modelos interpretativos ultrapassados e estereotipados da disciplina estão ligados à construção de imaginários turísticos a respeito de autenticidades e ahistoricidades de lugares e coletividades ao redor do mundo (SALAZAR, 2013).

É ao considerar os processos sociais que resultam em tais invenções ou construções que emerge a importância de se adotar uma “teoria das recepções” a fim de compreender como operam as lógicas sociais dos contatos, das trocas, dos empréstimos ou dos diálogos (ainda que assimétricos) entre diferentes sujeitos, coisas e saberes circulando em escala planetária. Dessa forma, mesmo quando se fala das “paisagens” que caracterizam os fluxos culturais globais na contemporaneidade se faz necessário perceber que tais fenômenos da mobilidade mundial se constroem nas tensões entre homogeneização e heterogeneização, não podendo deixar de se considerar, por conseguinte, suas configurações territoriais, identitárias e históricas (APPADURAI, 2004).

Falando a respeito das “condições sociais de circulação internacional das ideias”, aponta Pierre Bourdieu (2002, p.3-5) para alguns destes aspectos, ao lembrar que os contextos de produção dos textos não circulam junto com eles, ocasionando usos particulares de autores e de suas ideias num campo de produção intelectual diferente daquele de sua origem. Desse modo, a vida intelectual, nos termos do pensador francês, longe de ser espontaneamente internacional, é, de modo similar a outros espaços sociais, o lugar de nacionalismos e imperialismos com os intelectuais veiculando preconceitos, estereótipos ou representações elementares que se alimentam de acidentes da vida cotidiana, de incompreensões, de mal-entendidos, de injúrias. Isto está ligado aos “processos sociais de transferência” das obras de um campo intelectual nacional – pode-se dizer também disciplinar – a outro, selecionando autores e obras, “fazendo grifes” por meio de editoras, tradutores e prefaciadores (que vinculam suas ideias àquelas dos autores e obras que circulam), aplicando categorias de percepção e problemáticas em leituras que são produtos de um campo de produção intelectual diferente daquele em que se forjaram as ideias, os conceitos ou as perspectivas metodológicas que circulam. Por isso, no comércio de importação e exportação intelectuais, as categorias, conceitos ou ideias podem ser construídos e reconstruídos de modo variado em contextos diversos.

Tendo isto em mente, convém perguntar como outras áreas de conhecimento importam e ressignificam o trabalho etnográfico – ainda hoje importante diacrítico da antropologia – e a natureza qualitativa de sua abordagem. Como o descentramento do sujeito numa miríade de sociedades distintas e a consequente identificação entre pesquisador e pesquisado, próprios de uma abordagem socioantropológica, afetam certa “razão prática” ou econômica dos estudos de turismo? Por quais processos de adaptação (para usar um termo antropológico já anacrônico) o conceito de cultura – outrora diacrítico principal dos discursos dos antropólogos – deve passar para se tornar operacional nestes

estudos? Como as ideias de experiência turística, reflexividade e autenticidade, presentes nos estudos e pesquisas do turismo de orientação mais etnográfica, buscam traduzir o olhar “desconstrucionista” e “qualitativo” de um discurso antropológico mais contemporâneo?

Estas são questões importantes para se pensar possibilidades de diálogos entre disciplinas que nem sempre falam a mesma língua. Além disso, pensar a relação entre elas como processos de exportação e importação de ideias permite chamar a atenção para suas “economias das trocas simbólicas” buscando evidenciar, *à la* Bourdieu, processos de disputas, relações de poder, aproximações e distanciamentos, empréstimos e trocas teórico-metodológicas, bem como as construções de objetos de estudos e reflexões fronteiriços.

É nesta dimensão mais política das relações interdisciplinares que emerge ainda o problema da edificação de fronteiras entre as disciplinas, ainda que debates pós-modernos, trans ou pósdisciplinares objetivem, a partir de visadas mais reflexivas e epistemológicas, justamente abolir ou questionar a validade de tais fronteiras na produção do conhecimento. No caso do campo dos estudos do turismo, dado seu caráter holístico com a forte presença de aportes disciplinares diversos (economia, administração, antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, dentre outras) tem se falado em indisciplina (TRIBE, 1997), pósdisciplina (COLES; DUVAL; HALL, 2005), plataforma de conhecimento transdisciplinar de uma ciência em formação (JAFARI, 1990), dentre outras tentativas em apreender o caráter principal do conjunto de conhecimentos e estudos relacionados ao fenômeno turístico.

Apesar da importância das problematizações trazidas por estes debates mais reflexivos no campo dos estudos e pesquisas acerca do turismo, parece ainda ser válida a adoção de uma “perspectiva disciplinar” ao se falar de comunicações e trocas entre áreas de conhecimento que tanto podem se avizinhar quanto se distanciar em torno de objetos de estudo e propósitos intelectuais e práticos. Tem-se como pressuposto, então, a ideia de que o turismo e a antropologia buscam apresentarem-se no cenário acadêmico como campos disciplinares que se pretendem autônomos, através do reconhecimento por seus pares e por espaços e instrumentos institucionais de produção e divulgação de seus estudos e pesquisas, tais como periódicos especializados, cursos de graduação e pós-graduação, associações profissionais e científicas, sistemas de avaliação e de produção acadêmica etc. Em tais lugares sociais, não custa lembrar, se formam as “sociedades de discurso” que definem as suas regras de conservação, preservação e distribuição, fazendo surgir, por meio de suas relações, as “vontades de verdade” na ordem discursiva das disciplinas acadêmicas (FOUCAULT, 2009).

Tal “perspectiva arqueológica” na análise dos discursos de antropólogos e de turismólogos aponta para a necessidade de se atentar melhor para os processos de “apropriação social dos discursos” nos sistemas acadêmicos. Sendo assim, as trajetórias sociohistóricas das disciplinas ajudam a pensar em que circunstâncias podem ocorrer aproximações, distanciamentos ou possibilidades de diálogo na construção de fronteiras disciplinares. Estes trajetos produzem, por sua vez, as “estruturas de recepção” de que fala Bourdieu (2002), demonstrando onde e quando saberes, objetos e métodos são exportados e importados, em suma, os tempos e espaços sociais de sua circulação, bem como das traduções e reinvenções resultantes.

No caso do Turismo, há que se considerar também a sua inserção mais tardia no campo acadêmico, sobretudo como atendimento das demandas do mercado por uma maior qualificação profissional na crescente indústria turística (a então chamada “indústria sem

chaminés”) da segunda metade do século XX.² No Brasil, por exemplo, os primeiros cursos superiores de turismo surgidos na década de 1970, ao atenderem aos interesses econômicos da ditadura militar, serviam também ideologicamente para consolidar imagens associadas ao “milagre brasileiro” em contraste com aquelas da tortura e da violação de direitos humanos relacionadas aos regimes ditatoriais latinoamericanos.³ Além disso, há a reforma universitária da época e a crise estudantil reivindicando mais vagas nas universidades, fomentando a criação de novos cursos de profissões “técnicas” não regulamentadas e ideologicamente neutras, tal como o Turismo era apresentado na cena pública (TEIXEIRA, 2006).

Esta relação entre a criação de cursos universitários de turismo no Brasil e estruturas de poder ou *establishments* econômicos e políticos não se distancia muito do sentido das vinculações da antropologia com poderes metropolitanos que, há muito, vem sendo lembrada pelos próprios antropólogos em seus reclamos pós-coloniais, pós-modernos ou críticos. A alcunha de “filha do colonialismo”, presente em seus debates reflexivos e críticos pelo menos desde a virada política da disciplina entre os anos de 1970 e 1980 resultando em sua crise representacional, visava denunciar os encontros da antropologia com a colonialidade e o projeto de modernidade ocidental (ASAD, 1979).⁴

Todavia, como bem lembra Eric Wolf (1999, p.121), ainda que associada a um meio sociopolítico gerado por poderosas forças do capitalismo, da expansão colonial e da rivalidade nacional, a história da disciplina também faz lembrar que ideias hegemônicas não estão sozinhas, competindo com interpretações contrárias oferecidas a partir de diferentes posições na sociedade. Assim, este antropólogo marxista chama a atenção para a necessidade de se prestar atenção aos arranjos institucionais nos quais a antropologia é praticada, as fontes de apoio em que se baseia e as disciplinas com as quais compete no terreno acadêmico e de recursos. Exercício semelhante merece ser feito no que se refere à reconstrução histórica do turismo como campo acadêmico, melhor situando a distribuição de poderes na arena sociopolítica mais ampla em que ele se encontra inserido, na tentativa de por em evidência tanto as forças “externas” quanto “internas” aí atuantes.

Pode-se dizer então que, a despeito de suas especificidades, os processos históricos de formação do turismo e da antropologia como campos disciplinares possuem algumas semelhanças, tendo em vista suas aproximações com estruturas de poder e esquemas de dominação de um capitalismo ainda hoje percebido como imperialista e homogeneizador a ameaçar as sociodiversidades culturais do mundo, consideradas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio comum da humanidade. Sabem antropólogos e turismólogos, no entanto, que tal patrimônio é atualmente um importante valor ético e econômico que, de acordo com a nova ordem discursiva internacional, deve ser promovido local e mundialmente. Além disso, o

² Isto tem marcado fortemente a construção do seu discurso sob o signo da economia e dos negócios, com a adoção de um vocabulário familiar ao do mundo corporativo e da ciência da administração. Sobre as ameaças desta identificação entre turismo e indústria no processo de “cientificação do turismo”, ver Bittencourt Meira e Vanzella Meira (2007).

³ A criação destes cursos aqui no Brasil parece ter se dado de forma pioneira no mundo, o que não seria mero acaso, uma vez que, à época, o turismo era visto como a salvação das economias do Terceiro Mundo pouco industrializadas e ainda fortemente alicerçadas na exportação de produtos primários. Sobre a problemática deste papel salvacionista do turismo ver, dentre outros, Ouriques (2005), Jurdao Arrones (1992) e Cañada e Gascón (2007).

⁴ Principalmente a partir dos anos 1960, passam a predominar, na teoria antropológica, diferentes diálogos com as teorias marxistas, favorecendo a análise dos vários elementos que fundamentam os mecanismos de poder. Assim, a percepção das situações de dominação no contexto de expansão do capitalismo, relacionadas às próprias trocas internacionais de ideias e à formação do campo acadêmico da antropologia, se dá através de um “marxismo antropológico” então vigente numa rede de intelectuais de esquerda. Sobre o assunto ver, dentre outros, Carvalho (1985) e Feldman-Bianco e Ribeiro (2003).

patrimônio das sociodiversidades se constitui na “matéria prima” principal para o desenvolvimento de suas atividades profissionais e carreiras acadêmicas.

É diante de questões como as elencadas acima que, no caso da Antropologia, como exemplo de uma crise ética fundamental que compromete criticamente os seus alicerces etnográficos, politicamente fincados num mundo colonial que não mais existe face à emergência de outros pós-coloniais, globalizados ou transnacionais, o repensar a disciplina tem se constituído em prática corrente entre vários antropólogos há pelo menos três décadas. Na antropologia transnacionalizada que assim emerge, a tríade “fluxos, fronteiras e híbridos” passa a constituir o seu vocabulário básico orientando seus diferentes diálogos teóricos e políticos (HANNERZ, 1997). Com isso a própria história (mundial/global e/ou nacional/local) da disciplina converte-se em um dos seus principais objetos de estudo, revolvendo trajetórias intelectuais, conceitos e abordagens metodológicas, pressupostos epistemológicos, enfim, pondo à prova os seus cânones tradicionais. É assim, a partir da crise da representação desconstrucionista e pós-estruturalista da antropologia que, conforme anunciado, sua tradição reflexiva vem sendo atualizada e novos diálogos interdisciplinares favorecidos.

É, por exemplo, justamente no momento de sua “virada crítica” e de maior aproximação com as teorias marxistas que a antropologia também se volta para o fenômeno turístico, inaugurando um campo de interações acadêmicas em que os aportes dos estudos etnográficos viriam a constituir um importante contraponto qualitativo às premissas econômica e mercadológica dos estudos de turismo (PINTO; PEREIRO, 2010). Surgem então os “clássicos” da antropologia do turismo, como o artigo de Théron Nuñez publicado em 1963, a tipologia de Cohen de 1972, as reflexões de MacCannel sobre autenticidade vindas à lume no ano seguinte, os famosos “The Golden Hordes” de Louis Turner e John Ash publicado em 1975 e “Host and Guest: The Anthropology of Tourism”, organizado por Valene Smith em 1974, publicado em 1977, revisado em 1989 e novamente atualizado em 2001.

De um modo geral, pode-se dizer que nestas reflexões fundantes de uma antropologia do turismo o tom de denúncia das consequências de um capitalismo “selvagem” através de seu turismo “bárbaro” trazendo mudanças devastadoras para as sociedades nativas não divergia muito daquele que buscava exorcizar os encontros da antropologia com os poderes coloniais. O turismo, com isso, passa a ser crescentemente visto e analisado, à semelhança da antropologia, como encontro cultural e colonial inscrito em circuitos mundiais de relações de poder.

3 EMPRÉSTIMOS, TROCAS, DIÁLOGOS

Pensar trajetórias disciplinares ajuda a entender como campos acadêmicos constroem seus objetos de reflexão, conferindo, por exemplo, *status* particulares ao tema da diferença. Assim, embora a antropologia e o turismo estejam historicamente associados às relações do mundo ocidental com as diferenças ou diversidades culturais, é em torno das representações e práticas a respeito destas diferenças que, teórica e politicamente, talvez tenham ocorrido os seus mais importantes encontros e desencontros.

Nas formas de interação entre o turismo e a antropologia um aspecto que se destaca é dos aportes teórico-metodológicos na construção e descoberta de novos objetos de estudo, bem como pelo desvendamento de sentidos ignorados de temas de análise tradicionais. Do lado da antropologia, há a descoberta de um novo campo de investigação ou de uma nova dimensão dos seus objetos de estudo, surgida diante do crescimento mundial do fenômeno turístico ou mesmo da consequente inserção do turismo no mercado

acadêmico de áreas de conhecimento. Dessa forma, se por um lado há certo preconceito de sociólogos e antropólogos em relação ao turismo (KORSTANJE, 2013), por outro há a sua descoberta como importante campo de investigação no mundo contemporâneo, uma vez que a arena turística se constitui, de modo privilegiado, em espaço para a reflexão sobre as diferenças nos processos contemporâneos de trocas econômicas e culturais. Esta descoberta tem se dado não apenas a partir de estudos e pesquisas sobre grupos ou populações tradicionais e suas formas de inserção na lógica do mercado mundial, mas também quando antropólogos se voltam, por exemplo, para sua própria sociedade e estranham suas práticas cotidianas de intensas mobilidades (AUGÉ, 2010). Mobilidades que, da literatura de viagens ao relato etnográfico, também têm inspirado reflexões instigantes a respeito das “culturas viajantes” e suas “práticas espaciais”, como as propostas por Clifford (1999, 2000), nelas podendo ser incluído o fenômeno turístico.

Além disso, a comoditização de culturas e de identidades num mercado internacional de bens simbólicos e linguísticos posta em ação pelo *trade* turístico leva ao fenômeno de uma tomada de consciência, por parte dos grupos étnicos, da “cultura para si” – uma “cultura com aspas” como sugere Manuela Carneiro da Cunha (2009) agora performaticamente exibida diante do mundo. Em outras palavras, a turistificação de culturas e de identidades tem servido de mote para os antropólogos demonstrarem como se dão as apropriações e interpretações nativas da ordem discursiva, política e econômica internacional (COMAROFF; COMAROFF, 2009).

Sob tal perspectiva, mais do que interesses de mercado, dos efeitos de sua liberal “mão invisível” ou de instáveis estratégias de jogos de equilíbrio, o que chama a atenção no mercado mundial é a crescente importância dos “interesses étnicos” de grupos e indivíduos enquanto expressões de intencionalidades socioculturais e políticas diante das diversas conexões globais a que estão hoje expostos. Noutros termos, vive-se atualmente tempos de novos pragmatismos e racionalidades econômicas fazendo com que a turistificação de culturas, etnicidades e patrimônios, além de fenômeno de mercado, constitua-se também num instrumento político poderoso na arena das lutas de afirmação identitária.

Ainda do lado da Antropologia ou no âmbito dos estudos etnográficos surgem as reflexões sobre as interfaces do turismo com a religiosidade, a etnicidade, a sexualidade, as histórias e identidades locais, as festas tradicionais, a constituição e promoção dos patrimônios, a produção simbólica de paisagens, as tradições alimentares etc. (ABUMANSSUR, 2003; RIEDL, ALMEIDA, VIANA 2002; BANDUCCI JR., BARRETO, 2001; PISCITELLI, 2002; SOUSA, 2010)

Do lado do turismo, importa lembrar que a contribuição clássica dos estudos e reflexões antropológicas está ligada à questão das mudanças socioculturais ocorridas nas sociedades receptoras de fluxos crescentes de turismo de massa a partir da segunda metade do século XX. Refletindo sobre as dinâmicas ou consequências das relações entre turistas e residentes, entre visitantes e visitados, a chamada antropologia do turismo denunciava, desde a década de 1970, os impactos negativos desta relação (BARRETO, 2004). Enfatizavam-se, de modo geral, as mudanças provocadas pelo desenvolvimento do turismo em comunidades tradicionais ou étnicas. As contribuições da antropologia para os estudos do turismo, portanto, estavam identificadas com as pesquisas sobre as comunidades receptoras do turismo em um tempo de expansão das forças mercantis, embora tais forças, no campo das humanidades em geral e dos movimentos sociais emergentes, já estivessem sendo questionadas e combatidas.

Desse modo, pode-se dizer que a ideia chave de tais estudos era a de aculturação, tendo como pressuposto a compreensão das comunidades hospedeiras como totalidades autocentradas que deveriam ser protegidas da ação predatória dos turistas. Daí o

entendimento corrente no campo dos estudos e ações turísticas de que as tradições culturais de tais sociedades devem ser preservadas. Vistas como o lado mais fraco em uma relação desigual, as sociedades visitadas, desse modo, fatalmente perderiam suas tradições e identidades. Uma vez já instalado o processo de mudança, restaria tentar “resgatar” os elementos culturais já desaparecidos.

Mas, pelo menos desde a década de 1990, novas perspectivas de análise começam a se insinuar no cenário dos estudos etnográficos em turismo. Nestas abordagens as relações entre “hóspedes e anfitriões” já não são mais as mesmas. A partir de então são observados os processos de reorganização tradicional das comunidades locais, demonstrando a sua força face às pressões da lógica mercantil capitalista trazida pelo turista. A este respeito torna-se oportuno lembrar das provocações de Marshall Sahlins (1997a, p.52) ao falar da complexidade dos modos de interação entre as culturas locais e o capitalismo, afirmando que tais coletividades “[...] vêm tentando incorporar o sistema mundial a uma ordem muito mais abrangente: o seu próprio sistema de mundo”.

Esclarece assim que, a despeito do “pessimismo sentimental” nas considerações pós-modernas ou pós-coloniais a respeito do conceito de cultura, as ameaças de um capitalismo globalizante e homogeneizador às culturas locais podem ser relativizadas, uma vez que os povos indígenas, por exemplo, “se recusam tanto a desaparecer quanto a se tornar como nós”. Desta forma, observa que, ao invés do empobrecimento material e cultural dos povos periféricos, “desmentido por acontecimentos e vozes subalternas”, há casos de fortalecimentos e resistências culturais na nova ordem do sistema mundial capitalista. Nesse sentido, adverte que a história cultural hoje é feita “[...] em um intercâmbio dialético do global com o local. Pois ficou bem claro agora que o imperialismo não está lidando com amadores nesse negócio de construção de alteridades ou de produção de identidades” (SAHLINS, 1997a, p.11-12; 1997b, p.133).

Diante disso não custa lembrar que as identidades e as culturas, porque relacionais, são negociadas. Assim, na arena dos estudos da antropologia do turismo a moeda corrente vai deixando de ser a aculturação do último quartel do século XX, para dar lugar às ideias de fluxos, fronteiras, transversalidades, hibridez, “autenticidades”, reelaborações, recriações e reinvenções culturais que, buscando atualizar seu discurso a um vocabulário antropológico contemporâneo ou transnacional, colocam em primeiro plano um movimento recíproco de empréstimos entre turistas e nativos. Surge, com isso, certa ênfase nos processos simbólicos de “construção social da realidade dos povos visitados”, não em detrimento de suas dimensões materiais, mas percebidos de modo dialético ou inclusivo.

Subjacente a essa discussão há ainda o problema dos desencontros entre a utilização do conceito de cultura nos estudos e pesquisas empreendidas pelos turismólogos e a sua definição de acordo com os “novos cânones” antropológicos. Entre a ideia de cultura como um produto mercantilizado pelo turismo e a compreensão da cultura como um processo simbólico pregado pela antropologia ficam os estudos do turismo – sobretudo os inscritos sob a rubrica de antropologia do turismo – que precisam decidir a qual das orientações obedecer: a de uma turismologia que, a princípio, parecia tudo mercantilizar ou a de uma antropologia mais contemporânea que tende a tudo simbolizar? Acredito que para pensar, por exemplo, a questão das identidades e comunidades transculturais e translocais, aquelas que subvertem o modelo de compreensão tradicional de identidade e de comunidade, estas provocações podem ajudar a compreender melhor a complexidade do fenômeno turístico. Além disso, alguns profissionais da área do turismo, “desmanchando no ar” a solidez do “produto de mercado”, substituído pela ideia de processo simbólico, já passam a perceber implicações diversas na seara das questões culturais. Não é de admirar, então, que, ao fugir dos pacotes tradicionais do turismo de massa, os chamados pós-

turistas, de acordo com o sociólogo John Urry (2001), ajudem a construir um “novo olhar” para “o lazer e as viagens nas sociedades contemporâneas”.

Insistindo nesta ideia, pode-se dizer que a tradição antropológica de desconstrução de discursos (e, por extensão, de realidades subjacentes a tais discursos) ajuda a desvendar aspectos até então pouco explorados pelos profissionais da área de turismo no trato teórico das questões culturais. Isto diz respeito, entre outras coisas, à descoberta das diferentes lógicas culturais dos grupos e comunidades tocadas pelo fenômeno turístico que, no flerte com o mercado capitalista, reproduzem-se dialeticamente, isto é, se transformando. Mudança e permanência deixam de ser excludentes, sendo vistas como duas faces de uma mesma moeda. Nativos e turistas passam a ser vistos então como seres históricos e culturais, habitando mundos em transformação, cujas fronteiras são construídas por meio de suas interações e não apesar delas.

Com isso, nos diálogos entre a antropologia e o turismo, substituindo a ênfase nos impactos aculturativos trazidos pelas relações entre turistas e nativos, passam a ser discutidas também a multiculturalidade e a interculturalidade da arena turística que, doravante e em respeito aos interesses e necessidades dos povos e comunidades envolvidos, devem criar e adotar estratégias de desenvolvimento de base comunitária ou local. Assim, na esteira dos discursos ambientalistas ou ecológicos, certo paradigma de sustentabilidade passa também a orientar e a informar os diálogos entre a antropologia e os estudos de turismo. Acompanhando o desenvolvimento das segmentações crescentes do mercado turístico, estes diálogos passam a se situar e a definir variada modalidade de atividades turísticas como o turismo étnico, o ecoturismo, o turismo religioso, ou mesmo o termo mais abrangente de turismo cultural.

Orientados por perspectivas multiculturais, os diálogos e trocas entre a antropologia e o turismo, por exemplo, apontam para o reconhecimento das diferenças culturais como forma de combater as situações de desigualdade gestadas e desenvolvidas nas arenas turísticas. Para tanto, na criação e planejamento dos atrativos turísticos, antropólogos e turismólogos chamam a atenção para a necessidade de se adotar estratégias que visem a promoção da autonomia política e econômica nativas. Sob este ângulo, os povos e comunidades tradicionais deixariam de ser entendidos unicamente como objeto turístico de exploração econômica para serem descritos e apreendidos na condição de sujeitos ou agentes culturais ativos manobrando poderosas forças mercantis ou capitalistas. Subjacente a tais perspectivas de empoderamento dos povos e comunidades tradicionais na arena turística há uma nova ordem discursiva e política internacional dos direitos humanos (de segunda e terceira gerações) que reconhecem os direitos econômicos, culturais, ambientais e de autodeterminação destes povos e comunidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, os deslocamentos transnacionais de “capitais simbólicos” são acompanhados de reinterpretções de textos e discursos acadêmicos em função das estruturas dos campos de recepção. Além disso, uma vez que tais textos e discursos costumam circular sem seus contextos, podem ser originados “formidáveis mal-entendidos” (BOURDIEU, 2002). Com base nestas sugestões, a dinâmica das mobilidades, circuitos e interconectividades dos mundos globalizados, quando tomada como modelo para se pensar a lógica das circulações e trocas de ideias entre áreas de conhecimento acadêmico, podem ajudar a entender como se dão os processos de configuração e reconfiguração de fronteiras disciplinares. Sendo assim, nos possíveis encontros e desencontros entre os campos da antropologia e do turismo ocorreram reinvenções de conceitos, teorias, métodos e práticas profissionais.

No caso dos estudos e pesquisas sobre o fenômeno turístico, dada a sua inserção mais tardia no mercado acadêmico de conhecimentos e a consequente utilização e presença de aportes disciplinares diversos, os diálogos estabelecidos com a antropologia e outras disciplinas têm se dado, muitas vezes, de forma assimétrica. Afinal, nestes diálogos, diferentes campos de conhecimento têm tratado o turismo de dentro de seus próprios termos de referência, levando a uma forma de “imperialismo acadêmico” (LEIPER, 1990) em que uma ciência do turismo ainda procura o seu lugar. É por isso que, propostas como a da plataforma de conhecimento transdisciplinar proposta por Jafari (1990) para referenciar o horizonte de desenvolvimento acadêmico dos estudos de turismo, apontam para um recorrente “dilema disciplinar” (ECHTNER; JAMAL. 1997).

Mas, um maior estreitamento de diálogos entre antropólogos e turismólogos pode também resultar em novas possibilidades de construção de seus discursos, diversificando e complexificando, de ambos os lados, repertórios teóricos, metodológicos e práticos. Complementarmente se podem observar ainda nestes diálogos tentativas de legitimação acadêmica de discursos através tanto da edificação de fronteiras quanto das trocas disciplinares que fazem circular ideias, conceitos e métodos. Além disso, buscando situarem-se numa nova ordem discursiva mundial, antropólogos e turismólogos parecem poder renovar possibilidades de diálogos através da adoção de perspectivas teóricas e práticas que evidenciem a força política das tradições, culturas e identidades dos povos e comunidades visitados.

REFERÊNCIAS

- APADDURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**: a modernidade sem peias. Lisboa: Teorema, 2004.
- ARAÚJO, Silvana Miceli. Artificio e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). 2001. **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas, SP: Papyrus. p. 49-63.
- ASAD, Talal. Anthropology & the Colonial Encounter. In: HUIZER, Gerrit; MANNHEIM, Bruce (ed.). **The politics of anthropology**: From Colonialism and Sexism: Toward a View from Below, The Hague: Mouton, 1979, p. 85-94.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.
- BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos sócioantropológicos. **Turismo em Análise**, v.15, n. 2, nov. 2004, p.133-149.
- BITTENCOURT MEIRA, Fobia; VANZELLA MEIRA, Mónica Birchler. Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a “nova ciência” do turismo. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 5, n. 4, dezembro, 2007, pp. 1-18
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. 145. dec. 2002, p.3-8.
- BURNS, Georgette Leah. Anthropology and tourism: Past contributions and future theoretical challenges. Disponível em http://www98.griffith.edu.au/dspace/bitstream/handle/10072/5300/anthropology_touris

m -

GUeprintcopy.pdf;jsessionid=D2FB24213B3EA4547E59C84184AF90DB?sequence=1.

CAÑADA, Ernest; GASCÓN, Jordi. **Turismo y desarrollo: herramientas para una mirada crítica.** Managua: Enlace, 2007.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2009. Cap.19, p.311-373: “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais.

CARVALHO, Edigard de Assis. Marxismo antropológico e a produção das relações sociais. **Perspectivas**, 8:153-175, 1985.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). **O espaço da diferença.** Campinas (SP): Papirus, 2000. p.50-79.

_____. **Itinerarios Transculturales.** Barcelona: Gedisa, 1999.

COHEN, Erik. The sociology of tourism: approaches, issues and findings. **Annual Review of Sociology**, vol 10, 1984, pp. 373-392.

COLES, Tim, DUVAL, David Thimoty, HALL, C. Michael. Sobre El Turismo y la Movilidad en Tiempos de Movimiento y Conjetura Posdisciplinar, **Política y Sociedad**, 42(2), pp. 181-198, 2005.

COMAROFF, John; COMAROFF, Jean. **Ethnicity, Inc.** Chicago: University of Chicago Press, 2009.

ECHTNER, Charlotte M.; JAMAL, Tazim B. The Disciplinary Dilemma of Tourism Studies. **Annals of Tourism Research**, vol. 24, n. 4, pp. 868-883, 1997.

FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins (org.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp, 2003.

CELESTE FILHO, Macioniro. A Institucionalização do turismo como curso universitário – décadas de 1960 e 1970. **Revista Iberoamericana de Turismo RITUR**, Penedo, v.2, n.2, p.4-22, jul./dez.2012. Disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em julho 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional.** Mana, vol.3, n.1, Rio de Janeiro, 1997.

HOBBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JAFARI, J. Research and Scholarship: the basis of Tourism Education. **The Journal of Tourism Studies**, v. 1, n 1, p. 33-41, 1990.

JURDAO ARRONES, Francisco (comp.). **Los mitos del turismo.** Madrid: Endymion, 1992.

KORSTANJE, Maximiliano E. The Obsession With Authenticity: Criticism To Dean MacCannell. **Revista Rosa dos Ventos**, v.5, n. I, p. 99-115, jan-mar, 2013.

- LEIPER, N. **Tourism systems: An interdisciplinary perspective**. Palmerston North (N.Z.): MasseyUniversity, 1990.
- NASH, Dennison. Tourism as a form of imperialism. In: SMITH, Valene (org.) **Hosts and Guests: The anthropology of Tourism**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989, p. 37-54.
- OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.
- PINTO, Roque; PEREIRO, Xerardo. Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n.13, 2010, p.219-226.
- PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cadernos Pagu**. (19) 2002: pp.195-231.
- RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim Anécio; VIANA, Andyara Lima Barbosa (org.). **Turismo Rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- SAHLINS, Marsahll. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte I). **Mana**, 3(1), p.41-73, 1997a.
- SAHLINS, Marsahll. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Parte II). **Mana**, 3(2), p.103-50, 1997b.
- SALAZAR, Noel B. Imagineering Otherness: Anthropological Legacies in Contemporary Tourism. **Anthropological Quarterly**, vol. 86, n. 3, p. 669-696, 2013.
- SALAZAR, Noel. Tourism and Glocalization. **Annals of Tourism Research**. Vol 32, N 3, 628-646, 2005.
- SELSTAD, Leif. The Social Anthropology of the Tourist Experiences: Exploring the 'Middle Role'. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**. v. 7, n. 1, 19-33, 2007.
- SOUSA, Rose Maria Martins Gomes de. **Alimentação e culinária na cultura dos descendentes de açorianos em Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis (Ilha de Santa Catarina – Brasil)**. Mestrado em Antropologia Social e Cultural. Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais. 2010.
- STRONZA, Amanda. Anthropology of Tourism: Forging New Ground for Ecotourism and Other Alternatives. **Annual Review Anthropology**. Vol 30, 261-83, 2001.
- TEIXEIRA, Sérgio Henrique Azevedo. Cursos superiores de turismo: uma abordagem histórica (1970/1979). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. Anais eletrônicos... UCG, 2006, Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais_coautorais/eixo05/Sergio%20Henrique%20Azevedo%20Teixeira%20-%20Texto.pdf. Acesso em julho 2013.
- TRIBE, John. The (in) discipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997
- URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ed. São Paulo: Studio Nobel/ SESC-SP, 2001. cap.1, p.15-32: O olhar do turista.
- WOLF, Eric. Anthropology among the Powers. **Social Anthropology**. 7, 2: 121-134, 1999.

**DISCIPLINARY BOUNDARIES AND DIALOGUES:
POSSIBLE COMMUNICATIONS AND EXCHANGES BETWEEN THE FIELDS OF KNOWLEDGE OF
ANTHROPOLOGY AND TOURISM**

Abstract

The ideas of circulation, transit and mobility can serve as a starting point to reflect on the disciplinary exchanges and dialogues. So, thinking about the relationship between knowledge fields of anthropology and tourism in the academic world, it is proposed, based on suggestions of Pierre Bourdieu on “social conditions of the international circulation of ideas”, calling attention to the role of “receiving structures” in the construction of boundaries between disciplines and to establish dialogues between them. From discovery of tourism as anthropological object to the theoretical and methodological contributions of ethnographic perspective for studies and research on the tourism phenomenon, loans and mutual exchanges help to understand how is the process of constructing discourses of anthropologists and scholar tourism when approaching or distance themselves around objects of study or areas of professional practice. In this respect, the social processes of “appropriation of discourses” and building their “desire to truth”, in Foucault's terms, suggest strategies for legitimizing discourse and the constitution of power relations in the academic field. Nevertheless the specific characteristics of the disciplinary discourses, the narrowing of the dialogues between them also seem to point to political prospects and vocabularies made common faced with a new international discursive order.

Keywords: *Anthropology and tourism. Discursive order. Disciplinary borders, circulations and exchanges. Import and export intellectuals. Receiving structures.*

Artigo recebido em 30/07/2014. Aceito para publicação em 16/09/2014.